

Entrevista com MARIA EUNICE QUILICI GONZALEZ E**LAURO F. BARBOSA DA SILVEIRA**

(diálogo entre os Centros de Pesquisa em Ciências Cognitivas e o Centro de Semiótica, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, de Marília)

por Ana Maria Guimarães Jorge

1. Poderiam nos dizer de suas trajetórias nas áreas de Semiótica e de Semiótica Cognitiva? Como a Semiótica se transformou em uma área de estudos?

Eunice Q. Gonzalez: Minha trajetória na Semiótica Cognitiva se iniciou com o meu afortunado encontro com o professor Lauro Frederico Barbosa da Silveira no departamento de Filosofia, da UNESP, campus de Marília. Tive a imensa sorte de poder participar, desde o final da década de 1980, de um grupo de estudos com o professor Lauro, que me apresentou a semiótica Peirceana. Desde então, a minha compreensão de textos dos *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, e dos *The Essential Peirce*, em seus dois volumes, entre outros escritos tem sido bastante facilitada com o inestimável auxílio do professor Lauro. Além disso, contatos com os professores Ivo Ibri e Lucia Santaella da PUC-SP, impulsionadores, por excelência, dos estudos peirceanos, me permitiram conhecer os principais estudiosos, nacionais e internacionais, das idéias de Peirce, com quem venho aprendendo, a cada dia que passa, um pouco mais sobre esse universo complexo e extremamente original da Semiótica peirceana.

Atualmente, ministro um curso de pos graduação, sobre a Lógica da Descoberta, juntamente com os professores Lauro F. B. da Silveira e Jézio Hernani B. Gutierrez, na UNESP de Marília.

Lauro F. B. da Silveira: Antes de abordar as questões, parece-me importante esclarecer que de minha parte a contribuição para os estudos de Ciência Cognitiva se restringe aos estudos que venho fazendo do pensamento de Charles Sanders Peirce e as proveitosas conversas e trocas de idéias com os colegas do Programa de Pos-Graduação em Filosofia da UNESP e do grupo de estudos sobre Auto-organização do Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP. Especificamente, pois, não teria como opinar sobre Semiótica Cognitiva, mas talvez somente sobre Semiótica como ciência geral. Para responder à primeira questão, no que me concerne diria que minha trajetória na área da Semiótica teve início assistindo aos seminários do professor Décio Pignatari na PUC-SP

no ano de 1973 e se desenvolveu quando de minha vinda para a, então, Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Assis, tive acesso, em 1976, aos oito volumes *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, e comecei sistematicamente a estudar a obra daquele autor. Com a criação da Universidade Estadual Paulista, continuei meus estudos daquele pensamento na agora Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – campus de Marília, me encarregando da disciplina Semiótica no curso de bacharelado e licenciatura em Filosofia daquela Faculdade. Com o tempo, fui adquirindo uma bibliografia mais ampla, me associei à *Charles Sanders Peirce Society*, tendo acesso à publicação trimestral da revista *Transactions of the C. S. Peirce Society*. Paralelamente aos textos adquiridos para meu uso, fui providenciando sua aquisição pela biblioteca do campus. Escrevi sistematicamente artigos pertinentes ao pensamento Peirceano e passei a participar, sempre que possível, de congressos na área. Lecionei por três anos Semiótica e Pragmática no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP – campus de Araraquara, cuja inspiração semiótica de tradição eminentemente greimasiana era predominante, cabendo-me apresentar aos alunos a vertente peirceana. Lecionei Semiótica da Aprendizagem no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, campus de Marília. Lecionei Semiótica jurídica no Programa de Mestrado em Direito da Fundação de Ensino “Eurípides Soares da Rocha” de Marília da onde resultou o livro *Curso de Semiótica Geral*, publicado no ano de 2007. Atualmente, embora aposentado, continuo a participar das atividades docentes e culturais do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP – Marília, das atividades de ensino e pesquisa do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região, e me encarrego de duas exposições teóricas anuais do grupo de estudos sobre Auto-organização do Centro de Lógica, Epistemologia e História da ciência da UNICAMP, em Campinas.

2. O que é Semiótica Cognitiva?

Eunice Q. Gonzalez: A Semiótica Cognitiva é uma área de investigação interdisciplinar sobre a natureza e dinâmica dos signos que constituem a base dos processos cognitivos. Estes processos, segundo a perspectiva semiótica peirceana, não se restringem ao domínio humano, mas pertencem a qualquer sistema inteligente capaz de gerar e/ou modificar hábitos de ação. Um tópico fundamental de especial interesse para os estudiosos desta área diz respeito à natureza do significado, e de seu reconhecimento, nos processos de comunicação.

Lauro F. B. da Silveira: Minha resposta à segunda pergunta irá se restringir à Semiótica como ciência geral, da ordem das ciências da descoberta e inserida, juntamente com a Fenomenologia, a Estética, a Ética e a Metafísica, no domínio da Filosofia tal como propõe Peirce em seus textos da maturidade, a partir dos primeiros anos do século XX. Para Peirce, semiótica é a quase necessária ou formal doutrina dos signos; seu escopo é determinar como devem ser todos os signos para uma inteligência capaz de aprender tendo por base a experiência. Sendo uma ciência de como devem ser todos os signos, tem um caráter geral. Portanto, atribuir-lhe como objeto o Conhecimento, irá constituí-la numa ciência especial cujo objeto deverá ser devidamente recortado e feito distinto do que se supõe não seja de natureza cognitiva. Cabe, pois, aos estudiosos deste objeto em seu caráter especial caracterizá-la, mais detalhadamente.

3. Quais universidades, grupos de pesquisa e jornais científicos existentes estão desenvolvendo estudos nessa área?

Eunice Q. Gonzalez: No Brasil, os grupos de pesquisa da PUC-SP, da USP e da UNESP campus de Marília são os primeiros que me vêm à mente. Além disso, podemos mencionar pesquisadores como Ana Guimarães, Winfried Nöth e Lúcia Leão (PUC-SP), Priscila Farias (USP) Ricardo Gudwin (UNICAMP), João Queiroz (Universidade Federal de Juiz de Fora), Angelo Loula (Universidade Estadual Feira de Santana) e Vinicius Romanini (USP).

As revistas *Cognitio*, editada pelo professor Ivo Ibri, da PUC-SP, e a *Cognitive Semiotics: multidisciplinary journal on meaning and mind* podem ser mencionadas entre as mais destacadas do mundo sobre o assunto.

4. Como se pode entender as relações entre consciência, mente, e autoconsciência de acordo com diferentes pontos de vista no escopo da Semiótica Cognitiva?

Eunice Q. Gonzalez: Aprendemos com Peirce que a mente, entendida como um sistema sógnico complexo, tem no pensamento um propulsor da geração e modificação de hábitos de ação. De acordo com a perspectiva da semiótica peirceana, tal como a concebo, a consciência humana não desempenha um papel de grande destaque nesse sistema, sendo possivelmente uma, entre as várias camadas selecionadoras de informação relevante para a

ação. Neste contexto, a autoconsciência realizaria a tarefa de selecionar informação a partir de uma perspectiva de primeira pessoa. Contudo, temos pouco conhecimento sobre a natureza da consciência, razão pela qual pesquisadores como David Chalmers, ficaram famosos por polemizar sobre o que ele denominou “*o problema difícil da consciência*” (*the hard problem*). Particularmente acredito que grande parte dos debates sobre o problema da natureza da consciência constitui um resquício mal resolvido do dualismo cartesiano, atualmente revestido de conotações elaboradas a partir da neurociência cognitiva.

5. Muitos autores têm refletido sobre a noção de “agency” como um dos mais importantes aspectos da experiência humana. Poderiam comentar sobre essa tendência?

Lauro F. B. da Silveira: Procurando trazer alguma contribuição para que se responda a questão quinta, irei me limitar a breves considerações sobre “agency” em textos colhidos nos *Collected Papers of Charles S. Peirce*: “agency” é, em diversos textos (por exemplo: 1,174;5.547; 6.58), o agente responsável por todos os processos evolutivos, sendo válido desde o crescimento dos seres vivos até a evolução do cosmos; é o agente que efetiva uma idéia (2.149). Em outros textos, “agency” aparece como o princípio geral que permite que se atualizem as reações químicas (1.249) ou, mais em geral, o princípio eficiente que a partir de uma substância alcance um resultado experimental, trate-se de substâncias físicas ou mesmo psíquicas, como no caso do comportamento humano e animal; um princípio que determina eficientemente, no plano comportamental, uma conduta ética (1.592-3,605-607); a ação do homem que atualiza suas idéias graças à sua interação no mundo (2.149); um princípio eficiente que molda uma civilização (6.145); no alvor da filosofia, o Amor como princípio constitutivo do cosmos. Na lógica, em especial na construção dos Grafos Existenciais, o princípio formal que permite aos signos discentes (Femas) transmitirem na forma de argumentos (Delomas) a verdade asseverada.

Eunice Q. Gonzalez: Gostaria de acrescentar à resposta do professor Lauro sobre essa questão algumas hipóteses sobre a concepção externalista do conhecimento que se fundamenta na ação. De acordo com a visão externalista, o conhecimento e a experiência humana, em geral, não encontram no interior de uma mente o seu habitat natural, como defendem os adeptos do solipsismo metodológico. Eles se constituem e se desenvolvem, antes, na forma de disposições para a ação habilidosa em organismos situados e

incorporados que atuam no meio ambiente em concordância com um princípio de reciprocidade, segundo o qual organismo e ambiente evoluem conjuntamente.

Inspirados na Filosofia Ecológica, inaugurada originalmente por James J. Gibson, na década de 1950, entendemos que organismo e meio ambiente co-evoluem formando nichos semióticos nos quais diferentes formas de ação moldam a diversidade de experiências, significados e identidades no reino animal.

6. Quais as mais relevantes idéias desenvolvidas sobre os conceitos de abdução e de diagrama por pesquisadores das Ciências Cognitivas ou da Semiótica?

Eunice Q. Gonzalez: Nas Ciências Cognitivas, o conceito de abdução ocupa lugar de destaque nos estudos dos modelos mecânicos supostamente explicativos dos processos de criação e de descoberta. Pesquisadores como Paul Thagard e Margaret Boden, por exemplo, elaboraram propostas interessantes sobre esse tema, enfatizando as noções de *espaço conceitual* e de *algoritmos* que permitem a exploração e estruturação de diferentes formas de raciocínio envolvidos no processo de criação de hipóteses explicativas. Especial ênfase é dada por Thagard ao raciocínio abduutivo nos processos de criação. Além deles, o pesquisador italiano Lorenzo Magnani tem várias publicações sobre o tema da abdução e sua possível implementação em modelos cognitivos. A coletânea intitulada *Model-Based Reasoning in Scientific Discovery*, organizada por L. Magnani, P. Thagard e N.J. Nersessian traz bons exemplos de aplicações do conceito de *abdução* na ciência cognitiva.

Lauro F. B. da Silveira: Para a semiótica de tradição Peirceana, a abdução é a forma de argumento que permite inferir uma idéia nova e tentar inteligir, ou representar um evento anômalo ou predominantemente singular, supondo ser um caso de uma lei geral já conhecida. Isto se faz por Observação Abstrativa (CP.2.227) pela construção de um diagrama que conjecturalmente explicita as relações que os componentes daquele evento manteriam entre si, e, em seguida, dedutivamente, possibilite inferir as conseqüências que decorreriam da classe de fenômenos da qual o fato seria um exemplar, caso se estabelecessem as condições experimentais de atuar sobre exemplares a eles semelhantes em suas relações. Por um tal processo daria lugar a concepção do fenômeno, dela resultando seu conceito.

7. Poderiam comentar sobre uma premissa do conceito de diagrama ligada aos estudos dos sistemas auto-organizativos?

Lauro F. B. da Silveira: Procurando responder à questão sobre o diagrama como premissa nos estudos de auto-organização, procurarei oferecer subsídios para a resposta levando em conta o que o diagrama significa na teoria semiótica de Peirce. As construções diagramáticas ocupam na concepção Peirceana de pensamento um lugar indiscutivelmente central. Todo conhecimento se faz por meio de signos e estes, por sua natureza são constructos imaginários que representam o objeto que os determina para uma conduta futura por eles determinada. Esta construção relacional ao nível da imaginação tem a forma de um diagrama, a qual enseja que a razão produza um conceito. E não há, pois, conhecimento que não seja diagramático, como condição necessária para que uma razão que aprenda com a experiência possa antecipar imaginativamente sua conduta futura de modo autoconsciente e autocontrolado.

Eunice Q. Gonzalez: Complementando a resposta do prof. Lauro sobre a importância das construções diagramáticas na concepção Peirceana de pensamento e sua relação com sistemas auto-organizativos, cabe ressaltar que os sistemas auto-organizados são aqueles que se estruturam principalmente em função da interação espontânea que ocorre entre seus elementos constituintes, sem a predominância de um centro organizador. Entendemos que as construções diagramáticas ocorram, em grande parte, de modo auto-organizado, como um produto emergente de nossas experiências sem um direcionamento predeterminado, seja por uma razão controladora, seja por um ambiente que possa se impor temporariamente ao agente. Os sistemas auto-organizativos são, em geral, complexos, na medida em que incorporam informação proveniente de várias dimensões temporais, espaciais, ecológicas, entre outras. A beleza e a força das construções diagramáticas residem, em nosso entender, no seu poder de síntese sem empobrecimento das relações que as constituem.

8. Poderiam comentar sobre a idéia de espacialidade e de não-espacialidade do que se pode chamar de mental versus a tendência de pensamento localizado?

Eunice Q. Gonzalez: A hipótese de que o pensamento seria situado e incorporado constitui a base da vertente Externalista, que se contrapõe ao Internalismo subjetivo, no estudo da mente.

De acordo com a vertente internalista tradicional, o pensamento seria uma substância imaterial, indivisível e interna a um sujeito que teria acesso privilegiado a ele através da introspecção. Uma primeira dificuldade concernente a essa concepção consiste em se compreender como é possível que uma substância imaterial, que não ocupa um lugar no espaço, seja interna a um sujeito. Entre os inúmeros problemas subjacentes à concepção Internalista, pode ser destacado o conhecido *problema das outras mentes*: como saber que outros indivíduos, além de mim mesma; teria pensamento se o seu acesso se dá na primeira pessoa?

Na tentativa de evitar as dificuldades enfrentadas pelo Internalismo no estudo do pensamento, a vertente Externalista caracteriza o pensamento em termos de relações informacionais que se estabelecem entre organismo e meio ambiente, no domínio da ação. Nessa perspectiva, o pensamento seria público, resultante das restrições (*constraints*) ambientais, motoras, histórico-sociais e informacionais delimitadoras de possibilidades de ação no ambiente. Espalhado no ambiente, o pensamento se expressaria através das relações emergentes da dinâmica auto-organizadora de signos.

9. Em suas opiniões, qual é o direcionamento futuro dos estudos da Semiótica Cognitiva?

Eunice Q. Gonzalez: Como o desenvolvimento filosófico e científico acompanha, em geral, o desenvolvimento tecnológico de sua época, acredito que as novas tecnologias informacionais direcionarão uma parte significativa dos futuros estudos da Semiótica Cognitiva. Para ser sincera, tenho um pouco de receio sobre esse desenvolvimento.

Explico o porquê: até o final do século passado, os modelos mecânicos supostamente simuladores do pensamento, propostos pela Robótica e pela Inteligência artificial, eram pouco mais do que brinquedos para entreter a comunidade dos cognitivistas. Contudo, a recente parceria da Ciência cognitiva com a Semiótica parece colaborar para um salto qualitativo nas técnicas de modelagem, em especial nos estudos da vida artificial e da robótica humanóide. O meu receio vem da possível influência estritamente mecanicista (tão criticada por Peirce) que essa parceria possa exercer sobre a nossa auto-imagem e visão de mundo, sem um cuidadoso estudo de suas consequências no plano ético. A minha esperança é que o acaso, com sua força criadora, possa contribuir para que a poesia não seja esquecida nessa empreitada e que o agapismo seja o farol iluminador das futuras pesquisas da área.

Lauro F. B. da Silveira: Os pontos de convergência entre as propostas filosóficas de Peirce e as elaborações levadas a efeito no âmbito dos estudos da Auto-organização são notórias. A própria noção evolutiva que permeia o pensamento Peirceano, desde os escritos posteriores à leitura feita por Peirce da Origem das Espécies de Charles Darwin e das discussões que tiveram lugar no Clube Metafísico de Cambridge, logo após a publicação daquela obra, levaram-no a ir constituindo uma teoria cosmológica genuinamente evolutiva que envolvia não somente o universo astronômico mas também o âmbito da geração das idéias e da determinação estética, ética e lógica da conduta. O universo total Peirceano pode se entendido como um sistema auto-organizado. Todo o trabalho que os estudos da auto-organização vêm realizando contribuem, portanto, para uma elucidação cada vez maior de do pensamento Peirceano, em seus diversos aspectos. No interior deste quadro de referência, os modelos lógicos propostos por Peirce para o desenvolvimento e o incremento dos processos de investigação e descoberta, com certeza, são bastante adequados para que se pense uma lógica evolutiva e, conseqüentemente, a elaboração de modelos lógicos para equacionar hipóteses de processos dinâmicos auto-organizacionais. Muito melhor do que eu, podem dizer nossos colegas que investigam estes processos, considerando-se o grande conhecimento e competência em lógica e em matemática de que são portadores. Deixo com eles, pois, esta bela missão.

Sobre Eunice Quilici Gonzalez

Livre Docente em Teoria do Conhecimento e Doutora em *Cognitive Science Language and Linguistics*. PHD. Linha de Pesquisa: Ciência Cognitiva, Filosofia da Mente e Semiótica Projeto: Informação e auto-organização na aquisição do conhecimento.

Sobre Lauro F. Barbosa da Silveira

Doutor em Filosofia Linha de Pesquisa: O pensamento filosófico de Charles Sanders Peirce, Semiótica Geral e suas relações com teorias psicanalíticas PHD. Projeto: Interpretação semiótica dos processos relacionados com a vida.